

**Hipólito da Costa e o Brasil**

*Descrição Detalhada*

Isabel Idelzuite Lustosa da Costa

## 1. Documento de Descrição Detalhada

---

### 1. Apresentação

Nesta pesquisa pretendo analisar a relação de Hipólito da Costa com o Brasil, a partir de sua trajetória, de suas idéias políticas, das críticas e das medidas que propôs através de seu jornal, o *Correio Braziliense*. Este projeto dá continuidade a uma série de investigações que venho desenvolvendo desde minha tese de doutorado em Ciência Política “Insultos impressos – a guerra dos jornalistas na Independência”, defendida no IUPERJ em 1997 e publicada pela Companhia das Letras, em 2000. O universo da imprensa brasileira naquele contexto fora fortemente influenciado por Hipólito da Costa e, na tese, eu já dedicava algum espaço de reflexão ao seu pensamento político e à sua atuação na política do tempo. A iniciativa de Alberto Dines de propor à Imprensa Oficial do Estado de São Paulo a publicação da edição fac-similar do *Correio Braziliense* e o convite que me fez para editar junto com ele a coleção representaram uma oportunidade única de lidar diretamente com toda a obra de Hipólito da Costa. A produção das notas que antecedem cada um dos volumes dessa nova edição proporcionou-me um contato aprofundado com cada um dos

volumes e me deu acesso a uma visão mais precisa do pensamento do primeiro jornalista brasileiro. Ao mesmo tempo, propiciou-me a constatação de que o “Correio Braziliense” é uma fonte preciosa para estudar o período que vai da partida de D. João de Portugal para o Brasil até o ano da Independência.

## 2. Delimitação do problema

Aspecto intrigante da biografia de Hipólito da Costa é o pouco tempo que ele viveu no Brasil em contraste com o tanto que ele escreveu sobre e para o Brasil. Hipólito nasceu em 1774, na Colônia de Sacramento que então fazia parte da Cisplatina, aquela parte do Brasil que foi formar o Uruguai, viveu ali até os três anos; passou a infância e adolescência - cerca de 14 anos - no Rio Grande, e foi para Coimbra, iniciando uma trajetória que o manteria fisicamente afastado do Brasil até sua morte, aos 49 anos, em 1823. Não se tem notícia de que Hipólito da Costa tenha estado alguma vez no Rio de Janeiro, em São Paulo ou em Minas Gerais e, menos provavelmente ainda, na Bahia, em Recife, em São Luís do Maranhão ou em Belém do Pará. Enfim, do Brasil, Hipólito só conheceu o Rio Grande do Sul, região de fronteira, cenário das disputas com as colônias espanholas do Prata, com as quais se confundiam culturalmente.

Em Portugal, Hipólito filiou-se ao grupo que se reunia em torno de D. Rodrigo de Sousa Coutinho, ministro da Marinha e Ultramar e presidente do Real Erário (1796-1803). Figura da ilustração portuguesa que se formara

durante o período pombalino, D. Rodrigo pretendia, favorecer a elaboração e a difusão entre as elites intelectuais de um plano de reformas para o império português” e, “considerando a importância do Brasil para a sobrevivência econômica e política de Portugal”, criar um grande império luso-brasileiro. Para tanto reuniu em torno de si o que de melhor havia entre a juventude ilustrada portuguesa, boa parte da qual era composta de brasileiros formados em Coimbra. (Cf. Bastos, p. 471). Fazendo parte desse grupo ao qual também se filiava José Bonifácio de Andrada, Hipólito reforçaria sua identidade de súdito da coroa portuguesa e seu sentido de pertencimento à grande pátria lusitana da qual o Brasil era parte importante.

Sua biografia, no entanto, começaria a distanciá-lo de Portugal a partir dos dois anos em que viveu nos Estados Unidos e dos três anos que passaria preso nos cárceres da Inquisição. A viagem à América lhe proporcionaria um contato direto com a grande experiência democrática e republicana que eram os EUA, e implicaria em uma relativização das possibilidades dos arranjos da ordem política. Sua filiação à Maçonaria também contribuiria para uma maior abertura no sentido das expectativas de liberdade e de direitos. A volta a Portugal em 1800, seria marcada por uma militância maçônica que acabaria por levá-lo à prisão. O Hipólito da Costa que se estabeleceu em Londres em 1805, depois de uma aventureira fuga de Portugal, chegou transformado por essas duas marcantes experiências. Os anos de vida na Inglaterra, o contato com suas instituições políticas e a própria atividade editorial completariam sua formação.

Quando o príncipe regente, D. João, partiu com a Corte para o Brasil, em 1808, Hipólito da Costa deu início à publicação de um jornal a que escolheu chamar de *Correio Braziliense*. Para ele, como explicaria depois, brasileiros eram os que comerciavam com o Brasil; brasilianos, os indígenas do Brasil e brazilienses, os portugueses nascidos no Brasil. Era, portanto a esses portugueses nascidos no Brasil que o jornal se destinava.

### 3. Definição de objetivos

Durante catorze anos um brasileiro que nascera no Uruguai; formara-se em Portugal; conhecera os EUA antes e melhor que qualquer outro de seu tempo e que viveria a maior parte de sua vida na Inglaterra se dedicou a publicar um jornal para o Brasil. É a maneira como Hipólito da Costa constrói sua identidade brasileira, primeiro em associação, depois em oposição à sua identidade de português que pretendo estudar neste projeto.

Ao mesmo tempo, pretendo recuperar as representações do Brasil presentes no *Correio Braziliense*, desde aquelas construídas com base em documentos até as idealizadas nos discursos políticos que marcaram o rompimento com Portugal e a Independência. Esta perspectiva obriga a estabelecer a definição dos conceitos de nação, de pátria e de país, tal como aparecem na literatura do tempo.

Aproveitando o veio aberto por essas questões pretendo também analisar como, o *Correio Braziliense* e seu redator, Hipólito da Costa, contribuíram para reforçar a idéia de um Brasil nação que juntava as várias partes que até então estiveram sempre em estado latente de fragmentação em uma unidade política e simbólica. É minha hipótese que Hipólito da Costa, vendo o Brasil à distância, estando alheio aos conflitos entre as diversas províncias que o compunham e, principalmente; tendo construído sua identidade brasileira de fora, em oposição às identidades das pessoas dos países em que viveu em seu longo e definitivo afastamento do Brasil; tendo obtido através de seus estudos e da documentação que serviu de base aos tantos textos que escreveu sobre e para o Brasil uma visão mais nítida dos problemas e das potencialidades de suas diversas partes, pôde, de forma mais objetiva estabelecer as características essenciais da nação brasileira e o modelo político que mais lhe convinha.

#### 4. Referências teóricas

O debate em torno da questão da existência de uma nação brasileira anterior ao estado que se constituiu após a Independência tem ocupado historiadores e cientistas sociais há longo tempo. Richard Graham mapeou este debate questionando os que, como Oliveira Lima e José Honório Rodrigues pretendem que a nação brasileira, na forma física que veio depois a assumir já existia como projeto e vontade no espírito dos brasileiros antes mesmo da

Independência. Ele também questionará Benedict Anderson, quando este, em seu livro *Imagined Communities*, afirma que já existiam nações na América Latina antes da independência e refere-se “ao aparecimento da consciência nacional americana, no final do século XVIII”.

Este proveitoso debate estruturará parte da discussão teórica do projeto em tela. Pois nos ajuda a pensar a questão da nação, enquanto comunidade imaginada a partir de um olhar externo, um olhar matizado pela experiência de estrangeiro e pela absorção de uma cultura política liberal estudada, mas também vivenciada. Neste sentido, será útil para os estudos que resultarão daqui a perspectiva escolhida por Graham quando diz: *Também proponho que este estado levou à formação de uma nação, e não o contrário, embora vejo o processo como mais circular do que linear*. Esta perspectiva baseia-se na sucessão dos fatos que de fato levaram à Independência e nas claras tentativas de separação que marcaram a história do Brasil. Graham cita para reforçá-la, a observação de um francês, em 1815, para o qual o “Brasil” era simplesmente “a designação genérica das possessões portuguesas na América do Sul”.

A meu ver são abordagens que não se excluem. Mesmo considerando o imenso pragmatismo de toda a reflexão e de toda a ação de Hipólito da Costa no sentido de reforçar o Brasil enquanto parte de Portugal e, depois da Independência, definir e fortalecer os contornos (inclusive físicos) da nação brasileira, o caráter simbólico de sua relação com o Brasil, sai fortalecido. Pois, mais do que para os que viviam no Brasil, este, enquanto nação, era para

Hipólito uma construção simbólica, uma utopia a ser concretizada, bem de acordo com a definição clássica de Eric Hobsbawm, para quem as nações são "criações culturais" ou de Benedict Anderson que define nação como uma "idéia que se constrói". Segundo Anderson "nem mesmo os membros das menores nações jamais conheceram a maioria dos seus compatriotas, nem os encontrarão, nem sequer ouvirão falar deles, embora na mente de cada um esteja viva a imagem de sua comunhão".

Neste contexto, mais do que a partir de sua vida no Brasil, a identidade de Hipólito da Costa como brasileiro foi sendo construída em função de sua realidade de estrangeiro. Dois dos conceitos que serão basilares para esta pesquisa serão o de *identidade* e o de *estrangeiro*. Para Canclini ter uma identidade seria, antes de mais nada, ter um país, uma cidade ou um bairro, pertencer a uma entidade em que tudo o que é compartilhado pelos que habitam esse lugar. Nesses territórios a identidade é posta em cena, celebrada nas festas e dramatizadas também nos rituais cotidianos (CANCLINI, 1998, p.190). A identidade é definida, portanto, segundo Laing, (1986: p.78) pela relação do indivíduo com outros indivíduos, isto é, cada indivíduo se completa e se efetiva no relacionamento com os que estão à sua volta, em seu convívio: "a primeira identidade social da pessoa lhe é conferida pelos demais. Aprendemos a ser quem nos dizem que somos".(LAING, 1986: p.90).

O lugar onde nascemos também é determinante da nossa inserção numa determinada comunidade: "Ao nos definirmos, algumas vezes dizemos que

somos ingleses ou gauleses ou indianos ou jamaicanos. Obviamente, ao fazer isso estamos falando de forma metafórica. Essas identidades não estão literalmente impressas em nossos genes. Entretanto nós efetivamente pensamos nelas como se fossem parte da nossa natureza” (Hall, 1999, p. 47). A nação é comunidade imaginada na medida que mantemos uma relação de pertencimento com ela porque foi lá que nascemos, foi lá que teve origem a história de nossa família e é lá o lugar para onde pretendemos um dia voltar.

A consciência de pertencer a uma comunidade naturalmente se reforça em momentos críticos vividos por esta comunidade como também nos momentos de afastamento, quando o indivíduo se vê entre estranhos. Quando ele é o estrangeiro. Aquela condição que Walter Benjamin descreveu como: a experiência única e intransferível de ser estrangeiro; ser outro e que conduziria a uma reflexão sobre nossos limites, nossas possibilidades, nossos defeitos e virtudes. *Através de um movimento, que na maioria das vezes escapa à nossa vontade, nossa memória remete-nos a nosso passado, levando luz a territórios que, por estarmos demais familiarizados, éramos incapazes de diferenciar e reconhecer.* Este movimento que Benjamin chamou de memória involuntária é que fazia com ele, estando em Moscou, obtivesse uma melhor compreensão da sua própria cidade, Berlim.

Para Simmel (SIMMEL, p. 184-5) a relação do estrangeiro com as pessoas do lugar para onde se mudou assume uma forma específica de interação. Simmel também chama a atenção para a objetividade maior do olhar

do estrangeiro para apreender a realidade da comunidade para a qual ele é o outro. Desta perspectiva é que o conceito de estrangeiro será aplicado neste projeto à situação de Hipólito com relação ao Brasil. É da perspectiva dos brasileiros seus contemporâneos que ele, apesar de se apresentar como brasiliense, podia lançar sobre a realidade de seu país um olhar de estrangeiro, um olhar objetivo.

Se a idéia de nação pertence exclusivamente a um período particular e historicamente recente, como diz Hobsbawn, e este caráter recente coincide, de acordo com Anderson com a emergência do Iluminismo, podemos pensar o Brasil nação do tempo de Hipólito mais do que nunca como uma comunidade imaginada, ou melhor, ainda, como uma comunidade que se começava a imaginar. E Hipólito da Costa que vivenciou o momento de eclosão desse espírito no mundo, por sua atuação no *Correio Braziliense*, foi tanto ator quanto personagem desse acontecimento. Cidadão do mundo, sua condição de estrangeiro conformou sua identidade tanto em Portugal, quanto nos EUA, quanto na Inglaterra e até mesmo com relação ao Brasil. Seu lugar nenhum no mundo, seu não pertencimento a nenhuma nação serviram como reforço à sua opção pelo Brasil, à sua identidade de brasileiro.

Hipólito da Costa foi objeto de duas grandes biografias, ambas lançadas em 1957 e com o mesmo título, “Hipólito da Costa e o Correio Braziliense”, a de Carlos Rizzini foi publicada em São Paulo, pela Companhia Editora Nacional, e a de Mecnas Dourado foi publicada no Rio de Janeiro, pela

Biblioteca do Exército. Barbosa Lima Sobrinho, publicaria em 1977, uma coletânea de textos do *Correio Braziliense*. Nela privilegiaria trechos que contribuiriam para reforçar a idéia do compromisso preferencial de Hipólito da Costa com o Brasil. Deste ponto de vista - que Barbosa Lima desenvolveria mais tarde (1996) - o propósito de Hipólito teria sido sempre nacionalista.

Mais recentemente (1992), João Pedro Rosa Ferreira debruçou-se sobre as idéias políticas de Hipólito da Costa, dimensionando de forma precisa seu projeto constitucionalista. Este autor também comparece trabalhando de forma mais sucinta o mesmo tema na coletânea de artigos que organizei junto com Alberto Dines (2003). Dentre os artigos reunidos ali, subsidiarão este projeto o importante trabalho de Lúcia Bastos Neves, preciso na identificação das influências intelectuais e políticas que conformaram a mentalidade de Hipólito da Costa. Também bastante elucidativo para a identificação das correntes do liberalismo econômico a que se filiava Hipólito da Costa é o trabalho de Paulo Roberto de Almeida publicado no mesmo volume. Estas contribuições fornecem subsídios para estabelecer o instrumental que Hipólito manuseava na crítica às políticas implementadas pela coroa portuguesa no Brasil como também ajudam a entender as razões que o encaminham para a opção brasileira.

## 5. Metodologia

Sendo a principal fonte para a realização desta pesquisa a coleção do jornal *O Correio Braziliense*, a maior parte do trabalho se concentrará no levantamento de seu conteúdo. A coleção se compõe de 29 volumes tendo cada um deles cerca de 600 páginas, correspondentes a 6 números. Cada número, mensal, se dividia em seções: Política; Comércio e Artes; Literatura e Ciências e Miscelânea. Esta última seção se dividia quase sempre em duas partes: “Novidades do mês” e “Reflexões sobre as novidades do mês”. Era, principalmente, nas *Reflexões* que Hipólito apresentava suas análises críticas sobre as notícias. Mas, ele eventualmente comentava as notícias que inseria nas outras partes. Naquelas, ele apresentava a reprodução de documentos e boletins oficiais e notícias que circulavam nas gazetas da Europa.

Sendo composto de matérias tão diversas, mas tendo sua orientação editorial dada por um único editor, Hipólito da Costa, *O Correio Braziliense* precisa ser dissecado antes de ser analisado afim de que encontremos o ponto para o qual convergem suas diversas partes. Assim, pretendo ler a coleção, classificando as matérias contidas em cada número de acordo com os assuntos, privilegiando, inicialmente aqueles que de uma maneira ou de outra se relacionam com o Brasil.

A orientação dos pensamentos de Hipólito expressos na seção “Reflexões sobre as novidades do mês” também obedecerá o mesmo sistema. Naturalmente que suas idéias políticas sobre temas que diziam respeito à ordem

mundial: avanço de Napoleão na Europa, independência das colônias espanholas, desenvolvimento dos Estados Unidos, etc. serão tratados como assuntos relacionados com o tema central. Na medida em que acreditamos que o projeto de Hipólito para o Brasil, se constituía tendo por base a observação da realidade abrangente.

### Justificativa

A influência de Hipólito da Costa no processo de nossa Independência bem como seu papel como fundador de nossa imprensa estão bem estabelecidos pela historiografia. Aos poucos, uma série de estudos como os já mencionados vão também clarificando sua contribuição para a história de nossas idéias políticas e estabelecendo os elementos que compunham o seu ideário político.

Sendo Hipólito da Costa um personagem de biografia tão especial no contexto de nossas idéias, faltava trabalho em que se associasse sua trajetória de vida à sua atuação no *Correio Braziliense*. Trabalho que problematizasse a relação de Hipólito com o Brasil, permitindo pensar também sobre qual representação do Brasil estava implícita na formulação do projeto do *Correio Braziliense* e de que maneira esta formulação veio sendo transformada ao longo dos 14 anos do jornal.

Um trabalho desta natureza além de focar a biografia de Hipólito, enquanto exemplar de uma geração, a de 1770, permite a leitura de uma

perspectiva privilegiada da construção da nação brasileira enquanto artefato. Sendo a obra de Hipólito da Costa a mais abrangente e longa reflexão sobre o Brasil e seu lugar no mundo dos primeiros anos do século XIX, o recorte escolhido aqui, propiciará um novo instrumento para acessar essa importantíssima obra, um dos fundamentos de nossa história de nação.

## 6. Cronograma

Acredito que a leitura e o levantamento de uma coleção tão vasta pedem um longo tempo de dedicação à esta etapa do trabalho. Serão necessários dois anos de leituras e anotações para produzir o corpo de conhecimento necessário para uma reflexão realmente conclusiva.

Assim o cronograma de trabalho se dividirá:

Entre março de 2008 e março de 2010 – leitura, classificação e resumo das matérias; produção de um conjunto de notas contendo as idéias expressas por Hipólito da Costa sobre os temas relativos ao Brasil e ao pensamento político e econômico de seu tempo.

Entre março de 2010 e março de 2011 – produção do livro onde o material da pesquisa será apresentado.

## 7. Resultado da pesquisa

Além de livro trabalhando com o material levantado é meu objetivo produzir e disponibilizar os dados relativos ao corpo de matérias contidas no jornal através de um portal na internet a ser criado exclusivamente para divulgar esse projeto.

#### 8. Bibliografia:

ALMEIDA, Paulo Roberto de. “O nascimento do pensamento econômico brasileiro”. Em: Costa, Hipólito José da, *Correio Braziliense ou Armazém literário*. Ed. fac-similar. 31 vols. São Paulo/Brasília, Imprensa Oficial do Estado/Correio Braziliense, vol. 30, pp. 323-371, 2001-03.

ANDERSON, B. *Nação e Consciência Nacional*. Rio de Janeiro: Ática, 1989.

\_\_\_\_\_. *Imagined Communities: Reflections on the Origin and Spread of Nationalism*. Revised Edition ed. London and New York: Verso, 1991.

BAILYN, Bernard. *The Ideological Origins of the American Revolution*, Cambridge, MA: Belknap Press of Harvard University Press, enlarged edition, 1992.

BARMAN, Roderick. *Brazil: The forging of a Nation, 1798-1852*. Stanford: Stanford University Press, 1988.

BARRETO, Vicente. *Ideologia e Política no Pensamento de José Bonifácio de Andrada e Silva*. Rio de Janeiro, Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1977.

BENJAMIN, Walter. Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo. Trad. José Carlos Martins Barbosa e Hemerson Alves Baptista. São Paulo: Brasiliense, 1989.

BETHELL, Leslie, *The independence of Brazil*. In: Bethell, Leslie (ed.). *The Cambridge history of Latin America*, vol. III, *From Independence to c. 1870*. Cambridge University Press, Cambridge, p. 157-197.

PEIXOTO, Nelson Brissac. *Paisagens urbanas*. São Paulo: SENAC: Marco d'Água, 1996.

CANCLINI, Néstor Garcia. *Culturas híbridas*. São Paulo: EDUSP, 1998.

CANDIDO, Antônio. *Formação da Literatura Brasileira (Momentos Decisivos)* 2. ed. revista. Martins, São Paulo, 1962.

COSTA, Emília Viotti da. *Da Monarquia à República: Momentos Decisivos*. 7<sup>a</sup> ed. UNESP: São Paulo, 1999.

COSTA, Hipólito José da, *Correio Braziliense ou Armazém literário*. Ed. fac-similar. 31 vols. São Paulo/Brasília, Imprensa Oficial do Estado/Correio Braziliense, 2001-03.

\_\_\_\_\_. *Diário de minha viagem à Filadélfia*, Academia Brasileira de Letras, Rio de Janeiro, 1955.

\_\_\_\_\_. *Narrativa da Perseguição*, Porto Alegre, Associação Rio-grandense de Imprensa, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1974.

DOURADO, Mecenas. Hipólito da Costa e o Correio Brasiliense. Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército Editora, 1957, 2 v.

DUMONT, L. *O individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna*. Rio de Janeiro: Rocco, 1985.

ESPINOSA, Carlos. *Entre la ciudad y el continente: opciones para la construcción de los estados andinos en la época de la Independencia*, Em: <http://revistandina.perucultural.org.pe/textos/continente.doc>.

EVANS-PRITCHARD, E. E. 1969. *The Nuer: A Description of the Modes of Livelihood and Political Institutions of a Nilotic People*. New York/Oxford: Oxford University Press.

FERREIRA, João Pedro Rosa. *O jornalismo na emigração. Ideologia e política no Correio Braziliense, 1808-1822*. Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica, 1992.

\_\_\_\_\_. *Jornalismo e pensamento político*, Em: Costa, Hipólito José da, *Correio Braziliense ou Armazém literário*. Ed. fac-similar. 31 vols. São Paulo/Brasília, Imprensa Oficial do Estado/Correio Braziliense, vol. 30, pp. 371-402, 2001-03.

FLORY, Thomas, *Judge and Jury in Imperial Brazil – 1808-1871 – Social control and political stability in the new state*. University of Texas Press. Austin, Texas, 1981.

FUENTES, Carlos. *Nuevo Tiempo Mexicano*. Series Nuevo Siglo. Aguilar. México, 1994. pp. 81-93.

GELLNER, Ernest, *Nations and Nationalism*, Oxford, Blackwell, Basil Blackwell, 1988.

GÓNGORA, Mario. *Studies in the Colonial History of Spanish America*. Cambridge: Cambridge University Press, 1975.

GRAHAN, Richard. “Constructing a Nation in Nineteenth-Century Brazil: Old and New Views on Class, Culture, and the State,” in *The Journal of the Historical Society*, v. 1, no. 2-3, p. 17-56, 2001.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 1999.

HOBSBAWN, Eric J. *Nações e Nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

IGLÉSIAS, Francisco. *Constituintes e Constituições Brasileiras*. 3. ed., São Paulo, Brasiliense, 1985.

JANCSÓ, I. & SLEMIAN, A. Em Costa, Hipólito José da, *Correio Braziliense ou Armazém literário*. Ed. fac-similar. 31 vols. São Paulo/Brasília, Imprensa Oficial do Estado/Correio Braziliense, vol. 30, pp. 605-669, 2001-03.

JASMIN, Marcelo Gantus. Racionalidade e História na Teoria Política. Belo Horizonte, Ed. da UFMG, 1998.

LAING, Ronald D. *Identidade Complementar*. Em: *O Eu e os Outros- O Relacionamento Interpessoal*. Petrópolis: Vozes, 1986.

LIMA, Manuel de Oliveira. *D. João VI no Brasil 1808-1821*. Coleção Documentos Brasileiros, 48-b, Rio de Janeiro, José Olympio, 1945.

LIMA SOBRINHO, Barbosa. *Hipólito da Costa Pioneiro da Independência do Brasil*. Brasília, DF, Fundação Assis Chateaubriand/Verano Editora, 1996.

\_\_\_\_\_. *Antologia do Correio Brasiliense*. Rio de Janeiro, Editora Cátedra — MEC, Brasília, INL, 1977.

LUSTOSA, Isabel. *Insultos impressos – a guerra dos jornalistas na Independência (1821-1823)*, São Paulo, Companhia das Letras, 2000.

\_\_\_\_\_. “A Pátria de Hipólito”, Em Costa, Hipólito José da, *Correio Braziliense ou Armazém literário*. Ed. fac-similar. 31 vols. São Paulo/Brasília, Imprensa Oficial do Estado/Correio Braziliense, vol. 1, pp. XXXIX a LIV. 2001-03.

\_\_\_\_\_. “Hipólito da Costa e o Rio Grande”. Em: *Revista do Livro*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2002.

\_\_\_\_\_. “His Royal Highnesse e Mr. da Costa”. Em Costa, Hipólito José da, *Correio Braziliense ou Armazém literário*. Ed. fac-

similar. 31 vols. São Paulo/Brasília, Imprensa Oficial do Estado/Correio Braziliense, vol. 30, pp. 15-60, 2001-03.

LYRA, Maria de Lourdes Viana. *A Utopia do poderoso império: Portugal e Brasil: bastidores da Política, 1798-1822*. Rio de Janeiro, Sete Letras, 1994.

MAXWELL, Kenneth. “A geração de 1790 e a idéia do império luso-brasileiro”. In: *Chocolate, piratas e outros malandros. Ensaio tropicais*. São Paulo, Paz e Terra, 1999, p. 157-207.

MELO FRANCO, Afonso Arinos de Introdução a *O Constitucionalismo de D. Pedro I – no Brasil e em Portugal*. Rio de Janeiro, Arquivo Nacional/Ministério da Justiça, 1972.

NEVES, Lucia Maria Bastos P. “Pensamentos vagos sobre o Império do Brasil”. Em Costa, Hipólito José da, *Correio Braziliense ou Armazém literário*. Ed. fac-similar. 31 vols. São Paulo/Brasília, Imprensa Oficial do Estado/Correio Braziliense, vol. 30, pp. 469-513, 2001-03.

OLIVEIRA, Lucia Lippi. *A questão nacional na Primeira República*. São Paulo, Brasiliense, 1990.

PAIM, Antônio. *Cairu e o Liberalismo Econômico*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro/ Secretaria de Educação e Cultura, 1968.

PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. *The Spectator, O teatro das luzes — Diálogo e Imprensa no século XVIII*. Editora Hucitec, São Paulo, 1995.

PAULA, Sérgio Góes de (org. e int.). Hipólito José da Costa. São Paulo, Editora 34, 2001, p. 13-36.

PRADO JÚNIOR, Caio. *Evolução Política do Brasil* — Ensaio de interpretação dialética da história brasileira. 2. ed. Editora Brasiliense, São Paulo, 1947.

\_\_\_\_\_. Introdução. In: *O Tamoyo*, Coleção fac-similar de Jornais Antigos, direção de Rubens Borba de Moraes. Rio de Janeiro, Zelio Valverde, 1944.

RENAN, Ernest, *Quest-ce qu'une nation ?*, Paris, Calmann-Lévy, 1982.

RIBEIRO, Gladys. *A Liberdade em Construção: identidade nacional e conflitos antilusitanos no Primeiro Reinado*. Rio de Janeiro, Relume Dumará: FAPERJ, 2002.

SOUZA, Iara Lis Carvalho. *Pátria Coroadada: o Brasil como corpo político autônomo (1780-1831)*. São Paulo: Unesp, 1999.

RIZZINI, Carlos. *Hipólito da Costa e o Correio Braziliense*, São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1957.

\_\_\_\_\_. *O Livro, o Jornal e a Tipografia no Brasil (1500-1882)* — com um breve estudo geral sobre a informação. Liv. Kosmos Ed./Erich Eichner & Cia. Ltda, Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre, 1946.

RODRIGUES, José Honório. *Independência: Revolução e Contra-Revolução*. 5 volumes. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1975.

SCHULTZ, Kirsten. *Tropical Versailles: Empire, monarchy, and the Portuguese Royal Court in Rio de Janeiro, 1808-1821*, New York/London, Routledge, 2001.

SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor, as batatas*. São Paulo: Duas Cidades

SERRÃO, Joaquim Veríssimo. *História de Portugal*, vol. VI, *O Despotismo Iluminado (1750-1807)*, Lisboa, Verbo, 1982.

SILVA, Maria Beatriz Nizza da. *Cultura e Sociedade no Rio de Janeiro: 1808-1821*. Prefácio de Sérgio Buarque de Holanda. 2 ed. Brasileira, vol. 363, São Paulo, Cia. Ed. Nacional, 1978.

\_\_\_\_\_. (Coord.) *O Império Luso-Brasileiro (1790-1822)*. Lisboa: Stampa, 1986.

\_\_\_\_\_. “União sem sujeição”. Em Costa, Hipólito José da, *Correio Braziliense ou Armazém literário*. Ed. fac-similar. 31 vols. São Paulo/Brasília, Imprensa Oficial do Estado/Correio Braziliense, vol. 30, pp. 515-553, 2001-03.

SIMMEL, Georg. O estrangeiro. In Georg Simmel. Organizador: Evaristo de Moraes Filho. São Paulo, Atica, 1983.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1963.

VARNHAGEN, Francisco Adolfo de, Visconde de Porto Seguro. *História da Independência do Brasil, até o reconhecimento pela antiga metrópole, compreendendo, separadamente, a dos sucessos ocorridos em algumas províncias até essa data.* Col. Biblio. Sesquicentenário nº 6, 6. ed., anotada pelo Barão do Rio Branco, por uma comissão do IHGB e pelo Prof. Hélio Viana. Ministério da Educação e Cultura/INL, Brasília, 1972.

VIANNA, Hélio. *Contribuição à História da Imprensa Brasileira. (1812-1869).* Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Saúde/Instituto Nacional do Livro, 1945.

## 2. Anexos

---

Nesta seção deve-se incluir os documentos descritos em "Requisitos/Características Necessárias" no Formulário de Propostas de acordo com a modalidade selecionada.